

Marcas de violência contra a mulher na literatura brasileira: *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado

Marks of violence against women in brazilian literature: *Gabriela cravo e canela* by Jorge Amado

Aline de Almeida Silva  0000-0001-9282-6114  9203358497217400
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Josué Borges de Araújo Godinho  0000-0003-4770-6759  9097280370535558
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Resumo: Este artigo traz um estudo das representações de violência contra a mulher na literatura, tendo como objeto de análise a obra *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado. A partir da análise das violências inscritas no romance, traçamos uma relação com a violência sofrida pela mulher ainda no século XXI. Temos ciência de que a literatura não retrata a realidade, mas infelizmente a violência apresentada na ficção de Jorge Amado transmite aspectos inerentes à realidade da vida da mulher na sociedade brasileira. A obra *Gabriela, cravo e canela*, apresenta o assassinato de mulheres e o patriarcalismo de forma dominante na sociedade de Ilhéus, até meados do século XX, o qual ainda é notado na sociedade atual e estabelece diálogo com a Lei Maria da Penha e os mecanismos de proteção às mulheres, numa sociedade ainda machista e preconceituosa.

Palavras-chave: *Gabriela, cravo e canela*. Violência contra a mulher. Lei Maria da Penha.

Abstract: This article presents a study about the representations of violence against woman in literature, having as object of analysis *Gabriela, cravo e canela*, clove and cinnamon, a work by Jorge Amado. Based on the analysis of violence written in the novel, we draw a relationship with the violence suffered by woman in the 21st century. We are aware that literature does not portray reality, but unfortunately the violence presented in Jorge Amado's fiction actually represents the reality of woman's lives in Brazilian society. The work *Gabriela, cravo e canela*, presents the murder of woman and patriarchy in a dominant way in Ilhéus society until the mid-twentieth century. The results point to patriarchy still present in today's society and try to establish a dialogue with the Maria da Penha law and the protection mechanisms for women in a society that is still sexist and prejudiced.

Keywords: *Gabriela, cravo e canela*. Violence against women. Law Maria da Penha.

O destino das mulheres é serem culpadas. A idade torna-as ainda mais donas de perigosos saberes. Não é preciso prova. Basta que recaia sobre elas a acusação de feitiçaria. A justiça é sumária, sem juízes, sem júris. O veredicto está facilitado: as mulheres já foram julgadas antes de haver tribunal.

Mia Couto. *Venenos de Deus, remédios do Diabo*

Introdução

Este trabalho se desdobra a partir do tema e título “Marcas de violência contra a mulher, na obra brasileira *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado”, com o intuito de averiguar quais tipos de violência são encontrados na obra, como são construídas dentro do texto e socialmente, e como são encaradas pelas pessoas daquela sociedade, em 1958.

São diversos artigos que tratam desse tema, mesmo que a intenção da literatura seja, de certa forma, não mostrar diretamente a realidade, a obra representa milhares de mulheres que viviam e vivem, constantemente, uma vida já pré-estabelecida, tendo sempre como responsável um homem, quando não o pai, o marido.

Segundo Figueiredo (2019), citando Jean-Paul Sartre em seu artigo “Violência e sexualidade em romances de autora feminina”:

A literatura passa pela mediação da linguagem, não podendo, portanto, representar fielmente um vivido [das autoras]. Como Jean-Paul Sartre (1940) argumenta em seu livro sobre o imaginário, a imaginação é a condição essencial e transcendental da consciência. *O artista constitui um analogon material (a obra de arte) que o leitor/espectador pode apreciar (ter prazer estético); em outras palavras, não há propriamente “realização” do imaginário, mas sua “objetivação”*. (SARTRE apud FIGUEIREDO, 2019, p. 139 -140, grifos nossos).

Nesse texto, Eurídice Figueiredo fala de autoras femininas que “recriam em suas obras um imaginário que está ancorado no local e no momento histórico em que elas vivem” (FIGUEIREDO, 2019, p. 139). No entanto, podemos levar em conta suas considerações de que a literatura não trata diretamente da realidade fora do texto literário, como se fizesse um retrato, mas encena dinâmicas internas que podem ser semelhantes à realidade histórica de

cada momento. No que diz respeito à obra de Jorge Amado, *Gabriela, cravo e canela*, o autor expõe no texto dinâmicas comuns no contexto do tempo do narrado, o que não quer dizer que a realidade das mulheres de então seja muito diferente da que o autor cria em sua obra.

Ainda que na obra de Jorge Amado a intenção não seja representar a realidade, acaba por retratar um assunto que infelizmente faz parte da vida da grande maioria das mulheres brasileiras. É de suma importância, portanto, tratar desse tema considerando que é uma realidade também existe fora da obra, que faz parte de uma luta constante da mulher pela busca da igualdade de direitos.

Nesse sentido, analisa como o autor representa os fatos de violência dentro da obra. Considerando-se que a obra fora escrita na década de 1950 e que o tempo narrado remonta à década de 1920, analisaremos também como estas representações de violência ainda se apresentam atualmente, em pleno século XXI.

Em síntese, este trabalho analisará a figura da mulher dentro da obra, as possíveis confluências entre texto e realidade daquela época, como a sociedade encara os fatos e, principalmente, como as próprias mulheres encaram a violência sofrida por elas, tendo como foco a personagem Gabriela, que subverte a ordem dos fatos e dos padrões pré-estabelecidos.

De acordo com Carlos Magno Gomes (2013), em um estudo sobre “Marcas de violência contra a mulher na literatura”,

na literatura brasileira, há diversos traços de violência contra a mulher, associados aos comportamentos próprios de uma sociedade patriarcal tradicional, de diferentes formas a postura do agressor é representada por parte de uma cultura dominante, por isso incorpora aos padrões sociais disciplinadores (GOMES, 2013, p. 02).

Embora não seja um retrato da realidade dos fatos, a literatura chama a atenção para as representações da mulher em *Gabriela, cravo e canela*, uma obra que trata dos padrões já definidos para a mulher, que é exposta, julgada e assassinada por não se encaixar nos padrões que lhes são impostos. A obra de Jorge Amado foi publicada em 1958, época em que o papel predominante da mulher era, ainda, cuidar da casa e dos filhos, diferentemente do direito dos homens, que eram livres, inclusive, para se arrumarem com outras “raparigas” e para praticarem adultério. Tais fatos denotam a discrepância do papel do homem e da mulher, pois, no mesmo contexto, se uma mulher fosse pega em adultério, o marido teria o direito de assassiná-la para honrar e limpar seu nome.¹

¹O Projeto de Lei 781/21 estabelece que não se considera legítima defesa o ato praticado com a suposta finalidade de defender a honra, a intimidade ou a imagem do autor do crime ou de terceiros, nos casos de

A esse respeito, logo no início da obra acontece um fato que choca os moradores de Ilhéus, um assassinato cometido pelo marido traído, que mata a esposa e o amante:

[...] essa história de amor, por curiosa coincidência, como diria dona Arminda, começou no mesmo dia claro, de sol primaveril, em que o fazendeiro Jesuíno Mendonça, matou a tiros de revólver, dona Sinhazinha Guedes Mendonça sua esposa, expoente da sociedade local, morena mais para gorda, muito dada às festas de igreja, e o dr. Osmundo Pimentel, cirurgião-dentista chegado a Ilhéus há poucos meses, moço elegante, tirado a poeta (AMADO, 1958, p. 09).

Em consequência dos padrões da ordem social, a única forma de pagamento do crime motivado pelo adultério feminino seria o assassinato da mulher, e ficava a certeza da impunidade do marido, pois sua intenção era honrar e limpar seu nome, o que, na narrativa, é tratado como a “a lei cruel”. Esse fato poderia ser visto como um acordo entre as partes: homens e mulheres compartilhavam a mesma idéia, porém, homens tinham o direito de conviver livremente e arrumar quantas mulheres desejassem.

Segundo Bordieu, “as divisões estabelecidas para os homens e mulheres fazem parte da ordem social dominada pelo princípio masculino e este vai sendo reproduzido de forma contínua através dos tempos” (BORDIEU, 2009, p. 14).

Para a sociedade (e o leitor), o narrador de Jorge Amado explica:

[...] não se conhecia outra lei para traição de esposa, além da morte violenta. Lei antiga, vinha dos primeiros tempos do cacau, não constava no código, no entanto, era a mais válida das leis e o júri, reunido para decidir da sorte do matador, a confirmava unanimemente cada vez, como a impô-la sobre a lei escrita mandando condenar quem matava seu semelhante (AMADO, 2012, p. 87).

Ao observar o papel da mulher na narrativa amadiana, nota-se que Gabriela e outras personagens femininas não se encaixavam nos padrões definidos para o sexo feminino daquela sociedade, pois subvertiam toda a ordem dos fatos. Gabriela reconhecia “a lei” social que interditava relacionamentos extraconjugais das mulheres, mas não entedia o porquê de se recusar se ambos, homem e mulher, quisessem. Em um trecho da obra, o autor descreve:

violência doméstica e familiar contra a mulher. Em análise na câmara do Deputados, a proposta se insere a medida no Código penal. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/753198-projeto-de-lei-reiteraproibicao-da-tese-de-legitima-defesa-da-honra-em-crimes-de-feminicidio/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

Coisa mais tola, sem explicação: por que os homens tanto sofriam quando uma mulher com quem deitavam, deitava com outro? Ela não compreendia. Se seu Nacib tivesse vontade, bem que podia ir com outra deitar, nos seus braços dormir. Ela sabia que Tonico dormia com outras, dona Arminda contava que ele tinha um horror de mulheres. Mas, se era bom deitar-se com ele, brincar com ele na cama, por que exigir que fosse só ela? Entendia não. Gostava de dormir nos braços de um homem. Não de qualquer um. De moço bonito, como Clemente, como Tonico, como seu Nilo, como Bentinho, ah! Como seu Nacib. Se o moço também queria, se a olhava pedindo, se sorria para ela, se a beliscava, por que recusar, por que dizer não? Se estavam querendo, tanto um como o outro? Não via por quê. Era bom dormir nos braços de um homem, sentir o estremecimento do corpo, a boca a morder, num suspiro morrer. Que seu Nacib se zangasse, ficasse com raiva, sendo casado, isso entendia, havia uma lei, não era permitido. Só o homem tinha direito, a mulher não tinha. Ela sabia, mas como resistir? Tinha vontade, na hora fazia, nem se lembrava que não era permitido. Tomava cuidado para não ofendê-lo, para não magoá-lo. Mas nunca pensara que ia tanto ofender, que ia tanto magoar. Daí a uns dias, o casamento acabado, acabado pra frente, acabado pra trás, por que seu Nacib continuaria com raiva? (AMADO, 2012, p. 184).

No artigo “*Mulheres marcadas: Literatura, gênero e etnicidade*”, Eduardo de Assis Duarte (2009) destaca como a mulher era reconhecida dentro da literatura brasileira:

[...] a condição de corpo disponível vai marcar a figuração literária da mulata, animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acurada, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução. Via de regra desgrudada da família, sem pai nem mãe, e destinada ao prazer isento de compromissos, a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da “mulier fornicaria”, da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatal da meretriz (DUARTE, 2009, p. 06).

Deste modo, na obra de Jorge Amado, é interessante observar como surge a personagem Gabriela, que aparece com um parente: “Ela vinha com um tio, acabado e doente, sacudido o tempo todo pela tosse. Nos primeiros dias ele a observava de longe, sem coragem sequer para aproximar-se” (AMADO, 2012, p. 75).

Gabriela é apresentada com um tio doente que logo vem a falecer, deixando-a, então, sozinha, sem ninguém por ela, com um destino sem compromissos, à mercê dos acontecimentos que, a partir daquele momento, surgiriam o que, de certa forma, acarretaria

em uma infinidade de coisas que teriam como explicação sua origem e história de vida, já que Gabriela não possuía nenhum outro atributo além de sua beleza cativada por todos os homens que a conheciam.

1 A concepção da figura feminina pela sociedade de Ilhéus, na primeira metade do século XX: uma visão literária

É importante destacar o período em que a obra se passa na cidade de Ilhéus, no ano de 1925, época em que o patriarcalismo era predominante na sociedade, no que diz respeito às mulheres e à família, pois já havia um papel pré-definido para o ser mulher. Em um trecho da fala do coronel Ramiro é explicitado o pensamento patriarcal sobre as mulheres: “Moça solteira é para esperar marido, sabendo coser, tocar piano, dirigir a cozinha” (AMADO, 2012, p. 60).

De acordo com Ana Patrícia Cavalcante (2017), em “*O Patriarcalismo em Gabriela, cravo e canela: o estilhaçar do ritual ideológico radical*”,

[...] aos ilheenses eram interpelados pela ideologia patriarcal, na conjuntura na qual Ilhéus se encontrava, as mulheres ainda eram destinadas a casar, ser boas esposas e mães, deviam obediência a seus pais e maridos (CALVACANTE, 2017, p. 93).

Os valores definidos para a mulher, contudo, eram muitas vezes questionados pelas personagens femininas da obra, como Gabriela e Malvina. Nesse contexto, a busca por liberdade é constante nas atitudes de Gabriela, como o não se encaixar nas cobranças do marido Nacib, por exemplo.

Vale, portanto, mencionar o primeiro ato de violência sofrido por Gabriela, quando vinha caminhando com seu tio doente, o qual termina por morrer durante a caminhada; ali Gabriela se encontrava completamente sozinha, sem a “proteção” de um homem por perto; a partir dali, Clemente, que vinha junto com eles, ofereceu-lhe uma proposta de casamento, porém a única fala de Gabriela foi: “Vou pro mato não, Clemente!” (AMADO, 2012, p. 78). Mesmo negando o casamento, “ela continuava a deitar-se com ele, a gemer e a rir, a dormir recostada sobre seu peito nu, Clemente falava, cada vez mais sombrio, explicava as vantagens, ela apenas ria e balançava a cabeça numa renovada negativa, certa noite ele teve um gesto brusco, atirou-a para um lado, num repelão: Tu não gosta de mim!” (AMADO, 2012, p. 78).

Gabriela, mesmo tendo sofrido uma agressão física praticada por Clemente, continuou sorrindo para ele, como se nada tivesse acontecido. Existia, pois, na personagem a ânsia pela liberdade, mas seu modo de pensar refletia o pensamento de toda a sociedade e não via as agressões como algo injusto. Conforme Ana Patrícia Cavalcante (2017, p. 94),

[...] havia aquelas que rompiam com os discursos vigentes e anelavam por liberdade como Gabriela e Malvina, ambas a sua maneira e com motivações diferentes, não se submetiam às normas, ao padrão moral e social daquela época, à hierarquia patriarcal.

Em uma passagem do texto, pode-se ler como o pensamento de Malvina questionava as ações violentas sofridas pela mãe e pelas mulheres:

De quem herdara Malvina esse amor à vida, essa ânsia de viver, esse horror a obediência, a curvar a cabeça, a falar baixo na presença de Melk? Dele mesmo talvez, odiara desde cedo a casa, a cidade, as leis, os costumes. A vida humilhada da mãe a tremer ante Melk, a concordar, sem ser consultada para os negócios. O pai nos cabarés, nas casas de mulheres, gastando com raparigas, jogando nos hotéis, nos bares com os amigos bebendo. A mãe a fenecer em casa, a ouvir e a obedecer, macilenta e humilhada, com tudo conforme, perdera a vontade, nem na filha mandava. Malvina jurava, apenas mocinha, que com ela não seria assim, não se sujeitaria. Melk fazia-lhe vontade, por vezes ficava a estudá-la cismando, reconhecia-se nela, em certos detalhes, no desejo de ser. Mais a exigia obediente (AMADO, 2012, p. 196).

É nítida, no fragmento, a manifestação de revolta da personagem, Malvina destaca seu posicionamento em relação às consequências sofridas por elas se questionavam e não se rendiam às tarefas às quais eram submetidas. Malvina reconhecia, mesmo em um período em que o único papel da mulher era cuidar da casa e dos filhos, que o lugar da mulher não era somente ligado aos afazeres de casa, mas sim onde ela quisesse. A personagem tinha ânsia pela igualdade e perguntava: por que os homens podiam trair suas esposas e as mulheres eram mortas por tais atitudes? De certa forma, os questionamentos de Malvina rompiam com as leis que nomeavam as mulheres com rótulos do que podiam e não podiam fazer.

No que tange à violência, Malvina sofre a agressão física do pai ao ser questionada por suas atitudes:

– Que adianta dizer? O senhor não vai compreender. Aqui ninguém pode me compreender. Já lhe disse, meu pai, mais de uma vez: eu não vou me

sujeitar a casamento escolhido por parente, não vou me enterrar na cozinha de nenhum fazendeiro, ser criada de nenhum doutor de Ilhéus. Quero viver a meu modo. Quando sair, no fim do ano, do colégio, quero trabalhar, entrar num escritório.

– Tu não tem querer. Tu há de fazer o que eu ordenar.

Eu só vou fazer o que eu desejar.

– O que?

– O que eu desejar...

– Cala a boca, desgraçada!

– Não grite comigo, sou sua filha, não sou sua escrava.

– Malvina! – exclamou a mãe. – Não responda assim a seu pai. Melk segurou-lhe o pulso, bateu-lhe a mão na cara. Malvina reagiu:

– Pois vou embora com ele, fique sabendo.

– Ai, meu Deus!... – a mãe cobriu o rosto com as mãos.

– Cachorra! – levantou o rebenque, nem reparou onde batia.

Foi nas pernas, nas nádegas, nos braços, no rosto, no peito. Do lábio partido o sangue escorreu, Malvina gritou:

– Pode bater. Vou embora com ele!

– Nem que te mate...

Num repelão atirou-a contra o sofá. Ela caiu de bruços, novamente ele levantou o braço, o rebenque descia e subia, silvava no ar. Os gritos de Malvina ecoavam na praça.

A mãe suplicava, em choro a voz medrosa:

– Basta, Melk, basta...

Depois, de repente, se atirou da porta, agarrou-lhe a mão:

– Não mate minha filha!

Parou, arquejante. Malvina agora apenas soluçava no sofá.

– Pro quarto! Até segunda ordem, não pode sair.

No bar, Josué apertava as mãos, mordida os lábios, Nacib sentia-se acabrunhado, João Fulgêncio abanava a cabeça. O resto do bar estava como suspenso, em silêncio. Na sua janela, Glória sorriu tristemente. Alguém disse:

– Parou de bater (AMADO, 2012, p. 194).

Por não aceitar os padrões já definidos para a mulher, Malvina acabou pagando de uma forma violenta pela “desobediência” ao pai, por não aceitar levar uma vida direcionada por homens, o que, de fato, se encaixa com o pensamento destes em Ilhéus, isto é, a mulher deveria pagar com a vida pelos crimes cometidos.

Bourdieu (1999, p. 18) afirma que

[...] a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção, a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la, a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça.

No início da obra, o primeiro ato de violência contra a mulher acontece com dona Sinhazinha Guedes Mendonça e seu amante, o Dr. Osmundo Pimentel, cirurgião dentista, assassinados pelo fazendeiro Jesuíno Guedes Mendonça. O fato chocou toda cidade, conforme afirma o narrador: “honra de marido enganado só com a morte dos culpados podia ser lavada, vinha dos tempos antigos, não estava escrita em nenhum código, estava apenas na consciência dos homens” (AMADO, 2012, p. 10).

Vale ressaltar a atitude do fazendeiro Jesuíno fazia parte dos pensamentos da grande maioria dos personagens homens de Ilhéus e, possivelmente, dos homens daquela sociedade. Dr. Mauricio, por exemplo, comentava com outros homens: “Fez o que faria qualquer um de nós, num caso desses. Obrou como homem de bem, não nasceu pra cabrão e só há uma forma de arrancar os chifres a que ele utilizou” (AMADO, 2012, p. 92).

Em uma fala de João Fulgêncio é possível notar semelhante pensamento, afirma a personagem: “Ora doutor, não culpe nem os cinemas nem os bailes. Antes de existir tudo isso já as mulheres traíam os maridos. Esse costume vem de Eva com a serpente...” (AMADO, 2012, p. 93). O que também se repete no pensamento de Nacib. Em sua fala, vemos como essa compreensão da realidade predominava na cabeça dos homens, em relação ao assassinato de dona Sinhazinha e seu amante, como afirma a personagem: “Que barbaridade que nada! Mulher que trai o marido não merece menos. Eu se fosse casado e minha mulher me iluminasse a testa, ah! comigo era na lei da Síria: picadinho com o corpo dela... não faria por menos” (AMADO, 2012, p. 101).

Sobre a estrutura do patriarcado, comenta Cavalcante (2017, p. 97):

[...] aos coronéis tudo era permitido, frequentavam bordeis, se relacionavam com prostitutas e chegavam a comprar casas para manter suas amantes. Às esposas, cabia fazer os serviços domésticos. O funcionamento da família coronelista remetia aos costumes patriarcais. Essa era a ideologia – a patriarcal que interpelava os indivíduos de Ilhéus, seja às avessas ou não.

Nota-se que o machismo e o pensamento patriarcal está presente em todos os pensamentos masculinos da obra mas não era aceito por todas as mulheres. Gabriela, à sua maneira, questiona certas atitudes de Nacib, por não se encaixar nas cobranças do marido; e

Malvina, que é mais decidida, tem conhecimento das injustiças sofridas pelas mulheres e vive na busca constante pela liberdade.

Em sua obra, Jorge Amado, além de apresentar fatos que encenam a violência contra a mulher, apresenta o progresso da cidade de Ilhéus: a sociedade estava em desenvolvimento, tudo crescia. Em um trecho da obra, o autor destaca os avanços da sociedade, mas ressalta, no entanto, que essa evolução só acontecia em relação ao crescimento da cidade e não ao pensamento machista. Afirma o narrador:

Modificava-se a fisionomia da cidade, abriam-se ruas, importavam-se automóveis, construía-se palacetes, rasgavam-se estradas publicavam-se jornais, fundavam-se clubes, transformava-se Ilhéus. Mais lentamente porém evoluía os costumes, os hábitos dos homens. Assim acontece sempre, em todas as sociedades” (AMADO, 2012, p. 10).

É importante ressaltar que a literatura não tem como papel retratar a realidade, mas, muito antes da literatura começar a apresentar em suas obras personagens mulheres em papéis de submissão aos homens, a violência contra a mulher já se fazia presente na realidade das mulheres, na sociedade. A obra de Jorge Amado, de certa forma, passou a apresentar personagens mulheres que não aceitavam os códigos injustos sofridos por elas. Conforme o estudo “Representações do feminino”, de Ana Helena Cizotto Belline 2008, p. 27),

antes que o feminismo da década de 1960 desse voz e visibilidade às mulheres na vida social, política, e cultural no Brasil, a ficção de Jorge Amado já apresentava personagens femininas que transgrediam e superavam códigos injustos, trata-se da passagem da mulher de objeto manipulado pelo homem a sujeito de seu próprio destino, amoroso ou profissional.

As personagens Gabriela e Malvina, opostas por questões sociais, mas iguais na busca pela liberdade, transgridem as “ordens” do patriarcalismo impregnado nos conceitos e costumes de Ilhéus. Malvina não se submete ao casamento, o que, no decorrer da obra, se resolve com grande escândalo na cidade, com sua fuga para São Paulo, para trabalhar e estudar. O estudo e o trabalho fora de casa era algo longe da realidade das mulheres, segundo a fala do pai de Malvina: “Mulher que se mete a doutora é mulher descarada, que quer se perder” (AMADO, 2012, p. 196).

Sobre Gabriela, a personagem representa a vontade pela liberdade através de seu comportamento. A mulher daquela sociedade era vista como feita “para o casamento”, ou seja, não poderia se entregar a vários homens, principalmente antes do casamento. O que a

personagem faz, durante o decorrer da obra, representa sua liberdade, sua vontade de dormir com homens só por dormir, sem qualquer compromisso. Conforme Ana Helena Cizoto Belline, Gabriela “tinha a ânsia de liberdade e o desejo de agir segundo a própria vontade” (BELLINE, 2008, p. 31).

A personagem é símbolo de beleza dentro da cidade de Ilhéus, desejada por vários homens. Depois de casada com Nacib, Gabriela se envolve amorosamente com seus amantes, rodeada por várias propostas de luxo, pelos homens ricos. No entanto, não era isso que a movia, afirma o narrador:

Estava contente com o que possuía, os vestidos de chita, as chinelas, os brincos, o broche, uma pulseira, dos sapatos não gostava, apertavam-lhe os pés, contente com o quintal, a cozinha e seu fogão, o quartinho onde dormia, a alegria cotidiana do bar com aqueles moços bonitos [...]. Contente com seu Nacib. Era bom dormir com ele, a cabeça descansando em seu peito cabeludo, sentindo nas ancas o peso da perna do homem gordo e grande, um moço bonito. Com os bigodes fazia-lhe cócegas no cangote. Gabriela sentiu um arrepio, era tão bom dormir com homem, mas não velho por casa e comida, vestido e sapato. Com homem moço, dormir por dormir, homem forte e bonito como seu Nacib (AMADO, 2012, p. 165).

Há um elemento no fragmento citado que deve ser comentado, sobre não gostar de sapatos, pois tem relação com a vontade de liberdade da personagem. De acordo com Ana Helena Cizotto Belline (2008, p. 31),

a metonímia dos sapatos indica a ânsia de liberdade do status que Nacib tenta impor-lhe, casando com ela, o 'o dormir por dormir' refere-se às escolhas sexuais, que não abandona após o casamento, ao qual não se adapta, ao mesmo tempo que destoa da sociedade de Ilhéus.

Essa ânsia de liberdade em Gabriela está em consonância com a afirmação de Eduardo Duarte (1997), em “*Classe, gênero e etnia, povo e público na ficção de Jorge Amado*”. Segundo o autor,

[...] a mulher existe, sim como objeto erótico a insuflar a fantasia de quantos a conhecem, mas, junto com este objeto desejado, existe nela um vigoroso sujeito desejante que, pela fidelidade ao eros, se afirma enquanto tal a ponto de trocar o casamento pelo prazer e a segurança do lar por um momento de gozo (DUARTE, 1997, p. 96).

Jorge Amado representa Gabriela e, por conseguinte as mulheres, com desejos e vontades, capazes de decidir por si sós que rumo tomar e o que fazer da vida., Como representam as personagens Gabriela e Malvina, uma que busca a liberdade de viver com os outros homens sem ser condenada, e outra que busca a liberdade de estudar e fazer suas próprias escolhas, ambas prejudicadas pela desigualdade existente em seus direitos em relação aos dos homens.

2 A realidade da violência contra a mulher em relação com a obra de Jorge Amado

Apesar da potência dessa mulher descrita na obra de Jorge Amado, é importante relacionar as violências apresentadas na obra com a realidade que se sobressai na sociedade brasileira. Infelizmente, a representação da violência contra a mulher, seja moral, psicológica ou física, não acontece só em livros, na ficção, mas trata de acontecimentos que constituem uma verdadeira realidade da luta constante da mulher na busca da igualdade por seus direitos.

A mulher, na sociedade brasileira, sempre foi vítima do patriarcalismo. Como se pode ler em Jorge Amado, tudo evolui, menos os costumes e os hábitos dos homens e, de fato, a violência contra a mulher nunca deixou de existir, pelo contrário, os índices de violência e assassinatos só têm aumentado nos últimos anos². Não se pode deixar de refletir também, nesse contexto, sobre a evolução das leis, posto que os crimes cometidos contra as mulheres no século XXI não ficam mais impunes, existe uma lei específica que irá julgar e prender o assassino ou agressor.

Diferentemente das décadas em que se ambienta a narrativa de *Gabriela, cravo e canela*, atualmente existe a *Lei Maria da Penha*, que foi criada para proteger as mulheres dos agressores e assim julgá-los. A lei n.º 11.340, de 7 de agosto de 2006,

[...] cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica contra a mulher, nos termos do artigo 226 da Constituição Federal, da “Convenção sobre a eliminação de Todas as formas de Violência contra a Mulher”, da “Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Doméstica e familiar contra a mulher”, e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar (BRASIL, 2006).

Mesmo com a edição e o avanço da *Lei Maria da Penha*, a violência contra a mulher ainda é constante, conforme os dados informados, e o pensamento patriarcal se faz presente

na mentalidade de muitos homens, perpetuando-se, até mesmo em algumas mulheres que ainda associam as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos somente como obrigação feminina, por exemplo, e este é apenas um dos fatores que, de certa forma, irão acarretar a lentidão pela igualdade dos direitos entre homens e mulheres na sociedade. Uma reportagem apresentada pelo G1, em 04 de junho de 2021, aponta o comparativo em São Paulo, entre os anos de 2019 e 2021: segundo os dados, em 2019, o estado de São Paulo registrou, entre janeiro e abril, 55 casos de feminicídio; em 2020, no mesmo período, registrou 71 casos; enquanto em 2021 registrou 53. Ou seja, há um auto índice de subnotificação de casos de violência contra a mulher.

Em sua obra, Jorge Amado destaca, no final o julgamento de Jesuíno Mendonça pelo assassinato da mulher dona Sinhazinha, o que para muitos seria impossível, pois aquela já era uma lei certa. A ficcionalização do julgamento demonstra não o avanço em relação ao ato, mas a potência do texto literário para discutir questões da sociabilidade.

Ao final da obra de Jorge Amado, é destacada, ainda, a traição de Gabriela a Nacib. Ele descobre a traição de sua esposa pela voz de Bico-Fino, que trabalhava para ele e que andava roubando do árabe. A cena é interessante, pois se desdobra como uma espécie de castração e de mancha da honra ao segurá-lo pela gola da camisa, Bico-Fino afirma: “Turco cabrão, filho da puta, por que não toma conta da tua mulher? Não se sente os chifres doer?” (AMADO, 2012, p. 276).

Nacib fica desesperado ao descobrir as traições de Gabriela, no entanto, na própria obra há um subtítulo que chama bastante a atenção no livro, que é: “De como o árabe Nacib rompeu com a lei antiga e demitiu-se com honra da confraria de São Cornélio ou de como a Senhora Saad voltou a ser Gabriela” (AMADO, 2012, p. 277).

Aqueles que leram a obra pela primeira vez poderiam chegar a pensar que Nacib rompe essa lei antiga de Ilhéus, não agredindo e nem matando Gabriela, porém o personagem busca de alguma forma fazer com que Gabriela pague por “seu erro”. Pensava:

Nua, estendida na cama de casal, Gabriela a sorrir. Nu, sentado à beira do leito, Tônico, os olhos espessos de desejo. Por que não os matara Nacib? Não era a lei, a antiga lei cruel e indiscutida? Escrupulosamente cumprida sempre que se apresentava ocasião e necessidade? Honra de marido enganado lava-se com o sangue dos culpados. Não fazia ainda um ano que o coronel Jesuíno Mendonça a pusera em execução... Por que não os matara? Não pensara fazê-lo, à noite, na cama, quando sentia a anca em fogo de Gabriela a queimar-lhe a perna? Não jurara fazê-lo? Por que não o fizera? Não trazia o revólver na cinta, não o tomara da gaveta do balcão? Não desejava poder olhar de cabeça erguida seus amigos de Ilhéus? Não o fizera, no entanto (AMADO, 2012, p. 277).

Nacib estava mais preocupado com o julgamento de seus conhecidos em Ilhéus do que com sua própria vontade, então, ao invés de matá-la, “apenas a agrediu”, para que pagasse de alguma forma por “seu crime”. Desse modo, a ordem da violência persiste, como afirma o narrador:

Por que em vez de matá-la, apenas a surrou, silenciosamente, sem uma palavra, pancada de criar bicho, deixando manchas de um roxo escuro quase violeta, em sua carne cor de canela? Ela tampouco falou, não deu um grito, não soltou um soluço, chorava calada, apanhava calada. Ele ainda batia quando Joao Fulgêncio chegou e ela se cobriu com o lençol. Tempo demais para matar. Não matara porque não era da sua natureza matar. Todas aquelas histórias da Síria que contava era da boca para fora. Com raiva, podia bater. E batia sem dó, como se cobrasse uma dívida, uma conta atrasada. Matar não podia (AMADO, 2012, p, 278).

Segundo Nacib, como toda a população de Ilhéus, o não matar a esposa por essas atitudes é sinal de vergonha para o homem e ele deve lavá-la à honra envergonhada, com o sangue dos culpados. Desse modo, Nacib, para honrar seu nome, agride Gabriela por seus erros e considera o ato como algo ainda muito pequeno perto do que deveria fazer, pois a lei estava com ele, era seu direito matar a esposa. Segundo Carlos Magno Gomes: “No romance regional, o feminicídio é parte das estratégias de manutenção da honra masculina, por isso não causa espanto quando acontece” (GOMES, 2013, p. 02).

Segundo o pesquisador,

a mulher é vítima de não só um agressor, mas de uma prática cultural, antes do crime passional, estão os xingamentos, empurrões, surras que causam lesões corporais graves. Mesmo com esse canário de opressão e disciplina, a maioria das mulheres não denuncia os companheiros por medo ou por não ter condições financeiras para se sustentar, a dependência física e afetiva se mistura em muitos casos (GOMES, 2013, p. 06).

O livro de Jorge Amado fora escrito nos anos 1950, com uma narrativa que remonta aos anos 1920. Traz um padrão de mentalidade que fazia parte das práticas sociais naquele tempo. Infelizmente, a mulher ainda vem buscando, em pleno século XXI, se livrar não só dos padrões exigidos pelos homens, mas de uma sociedade inteira que ainda a condena por suas atitudes. O patriarcalismo descrito na obra de Jorge Amado é notado com grande frequência em atitudes e comentários, embutidos em valores que ainda fazem parte da vida

da maioria dos brasileiros. Assim como o pensamento escrito em *Gabriela*, que desenha claramente os padrões:

[...] bateu-lhe com raiva, tinha direito até de matá-la. Mulher casada que engana o marido só merece morrer. Todo mundo dizia, dona Arminda lhe disse, o juiz confirmou, era assim mesmo. Ela merecia morrer. Ele era bom, dera-lhe apenas uma surra e expulsara de casa” (AMADO, 2012, p. 282).

A mentalidade feminina descrita em *Gabriela* ainda faz parte do pensamento de muitas mulheres do século XXI, que muitas vezes acreditam ser um “sinal bom”, julgando a agressão como uma prova de amor, de ciúmes. Isso pode ser visto como um fator que faz com que a mulher deixe de fazer o boletim de ocorrência, acreditando na mudança do agressor. No entanto, o que se vê é o machismo também fazendo parte da estrutura de seu pensamento.

Desse modo, é de se notar outro pensamento que se destaca entre os brasileiros, uma sentença bem conhecida: “não se mete a colher em briga de marido e mulher”. Heleieth Saffioti, em seu artigo “Já se mete a colher em briga de marido e mulher” (1999), chama bastante atenção em seu título, pois muitas vidas são perdidas por existir este tipo de mentalidade. Se houvessem mais denúncias, muitas vidas seriam poupadas, afirma a autora: “violência de gênero, inclusive em suas modalidades familiar e doméstica, ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino” (SAFFIOTI, 1999, p. 85).

Conforme a pesquisadora, as mulheres precisam de ajuda para se desvincularem dos agressores:

A violência doméstica ocorre quando ocorre uma relação afetiva, cuja ruptura demanda, via de regra, intervenção externa, raramente uma mulher consegue se desvincular de um homem violento sem auxílio externo, até que isso ocorra, é uma trajetória oscilante, com movimentos de saída da relação e retorno a ela (SAFFIOTI, 1999, p. 85).

A mulher vítima de agressão precisa, além da *Lei Maria da Penha*, de pessoas que estejam cientes da agressão, para que possam denunciar os agressores, levando em conta que, em muitas vezes, a mulheres agredidas, por ordem de seus companheiros não saem de casa. Outras ainda não possuem acesso a celular ou outro meio de comunicação. Da literatura para a realidade, é muito importante, sim, meter a colher em briga de marido e mulher, por meio

de denúncias, que podem ser anônimas, através do número 180, que é a Central de Atendimento à Mulher, que funciona 24 horas.

Conclusão

A obra de Jorge Amado, mesmo que não tenha o papel de retratar a realidade, constrói um quadro que corresponde à vivência da mulher na sociedade brasileira, ainda buscando pela igualdade de direitos. Assim como mencionamos neste trabalho, os pensamentos machistas dos personagens masculinos de *Gabriela, cravo e canela* ainda são encontrados boa parte dos padrões de comportamento, não só de homens, mas, infelizmente, também de muitas mulheres.

Os afazeres de casa são associados somente às mulheres. Perguntamo-nos, neste contexto: porque uma mulher que trabalha fora de casa e que não tem aptidão para cozinhar ou cuidar da casa e dos filhos é tão discriminada? O machismo, o patriarcalismo e sua estrutura arraigada é o que limita nossos direitos e faz com que a desigualdade entre os gêneros, em pleno século XXI, seja tão dominadora. Muitos são os avanços, assim como a *Lei Maria da Penha*, criada 2006, mas, conforme as estatísticas apresentadas, o número de casos de agressões contra as mulheres só têm aumentado.

Se todos, sem exceção, meterem a colher em briga de marido e mulher, certamente o número de denúncias será maior, e haverá mais chances do agressor ser punido por seus atos. Fechada a obra literária, a dinâmica que ela encena se encerra no ato da leitura, embora reverbere nas reflexões do leitor. Na realidade, contudo, o processo de conscientização e mudança de mentalidade perpassa pelas intervenções, pelo fortalecimento das leis e por diferentes perspectivas na formação das subjetividades.

Referências

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BELLINE, Ana Helena Cizotto. Representações do feminino. In: GOLDSTEIN, Norma Seltzer (org.). *A literatura de Jorge Amado* (Orientações para o trabalho em sala de aula). São Paulo, : Companhia das Letras, 2008. p. 26-39. v. 2.

BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. *Lei n. 11.340, 07 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha)*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 27 jul. 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. Classe gênero e etnia: povo e público na ficção de Jorge Amado. *Cadernos de Literatura brasileira, Jorge Amado*, n. 3, p. 97-101, mar. 1997.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, v. 17, p. 06-18, dez. 2009. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol17A/TRvol17Aa.pdf. Acesso em: 27 jul. 2021.

FIGUEIREDO. Eurídice. Violência e sexualidade em romances de autoria feminina. *Revista Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão, USF, v. 32, p. 137-149, jul.-dez. 2029. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/12872/9705>. Acesso em: 27 jul. 2021.

GOMES, Carlos Magno. Marcas de violência contra a mulher na literatura. *Revista Diadorim*. Revista de Estudos Linguísticos e literários do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 13, p. 01-11, jul. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3981/15576>. Acesso em: 27 jul. 2021.

MACIEL, Camila. Casos de violência doméstica são subnotificados na pandemia. *In: Agência Brasil*, 04 jun. 2021 Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-06/casos-de-violencia-domestica-estao-subnotificados-na-pandemia>. Acesso em: 27 jul. 2021.

MARTELLO, Alexandre. Brasil teve 105 mil denúncias de violência contra a mulher em 2020. *Portal G1*. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/07/brasil-teve-105-mil-denuncias-de-violencia-contra-mulher-em-2020-pandemia-e-fator-diz-damares.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2021.

QUEIROZ, Ana Patrícia Cavalcante. O Patriarcalismo em *Gabriela, cravo e canela*: o estilhaçar do ritual ideológico radical. *Revista Travessias*, v. 10, n. 2, p. 80- 97, 2016.

Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/12688>. Acesso em: 27 jul. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *São Paulo em Perspectiva*, n. 13, v. 4, p. 82- 91, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/qKKQXTJ3kQm3D5QMTY5PQqw/?lang=pt>. Acesso em: 27 jul. 2021.

ALINE DE ALMEIDA SILVA

Licenciada em Letras: português e inglês pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade de Carangola.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9282-6114>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9203358497217400>

E-mail: aline.almeida98@outlook.com

JOSUÉ BORGES DE ARAÚJO GODINHO

Doutor em Estudos Literários, com foco em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo PÓS-LIT/FALE/UFMG. Professor de Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade de Carangola.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4770-6759>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9097280370535558>

E-mail: josuebagodinho@hotmail.com